

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

FEVEREIRO DE 1867

Nº 2

Livre-Pensamento e Livre-Consciência

Num artigo do nosso último número, intitulado: *Olhar retrospectivo sobre o Movimento Espírita*, apresentamos duas classes distintas de livres-pensadores: os incrédulos e os crentes, e dissemos que, para os primeiros, ser livre-pensador não é apenas crer no que se quer, mas não crer em nada; é libertar-se de todo freio, mesmo do temor de Deus e do futuro; para os segundos, é subordinar a crença à razão e libertar-se do jugo da fé cega. Estes últimos têm por órgão de publicidade a *Livre-consciência*, título significativo; os outros, o jornal *Livre-pensamento*, qualificação mais vaga, mas que se especializa pelas opiniões formuladas e que vêm em todos os pontos corroborar a distinção que fizemos. Aí lemos no nº 2, de 28 de outubro de 1866:

“As questões de origem e de fim até aqui têm preocupado a Humanidade a ponto de, por vezes, lhe perturbar a razão. Esses problemas, que foram qualificados de temíveis, e que julgamos de importância *secundária*, não são do domínio imediato da Ciência. Sua solução científica não pode oferecer senão uma semicerteza. Tal qual é, entretanto, ela nos basta, e não tentaremos completá-la por argúcias metafísicas. Aliás, nosso objetivo é só nos

ocuparmos de assuntos abordáveis pela observação. Pretendemos ficar na terra. Se, por vezes, dela nos afastamos para responder aos ataques dos que não pensam como nós, a incursão fora do real será de curta duração. Teremos sempre presente à lembrança este sábio conselho de Helvécio: ‘É preciso ter coragem de ignorar o que não se pode saber.’

“Um novo jornal, a *Livre-consciência*, nosso irmão mais velho, como faz notar, deseja-nos boas-vindas em seu primeiro número. Nós lhe agradecemos pela maneira cortês por que usou o seu direito de progeneritura. Nosso confrade pensa que, malgrado a analogia dos títulos, nem sempre estaremos em ‘completa afinidade de idéias.’ Após a leitura de seu primeiro número estamos certos disso; também não compreendemos a livre-consciência senão como o livre-pensamento com um limite dogmático previamente assinalado. Quando se declara claramente discípulo da Ciência e campeão da livre-consciência, é irracional, em nossa opinião, estabelecer como dogma uma crença qualquer, impossível de provar cientificamente. A liberdade assim limitada não é liberdade. Por nossa vez, damos as boas-vindas à *Livre-consciência* e estamos dispostos a ver nela uma aliada, pois declara querer combater por todas as liberdades... menos uma.”

É estranho que considerem a origem e o fim da Humanidade como questões secundárias, próprias para perturbar a razão. Que diriam de um homem que, vivendo apenas o dia de hoje, não se inquietasse como viverá amanhã? Passaria por um homem sensato? Que pensariam daquele que, tendo uma mulher, filhos, amigos, dissesse: Que me importa que amanhã estejam vivos ou mortos? Ora, o amanhã da morte é longo; não é, pois, de admirar que tanta gente se preocupe com ele.

Se se fizer a estatística de todos os que perdem a razão, ver-se-á que o maior número está precisamente do lado dos que não crêem nesse amanhã, ou que dele duvidam, e isto pela razão

muito simples: a maioria dos casos de loucura é produzida pelo desespero e pela falta de coragem moral, que faz suportar as misérias da vida, ao passo que a certeza desse amanhã torna menos amargas as vicissitudes do presente, e os faz considerar como incidentes passageiros, cujo moral não se afeta ou só mediocrementemente se afeta. Sua confiança no futuro lhe dá uma força, que jamais terá aquele que só tem o nada como perspectiva. Está na posição de um homem que, arruinado hoje, tem a certeza de ter amanhã uma fortuna superior à que acaba de perder. Neste caso, facilmente toma seu partido e fica calmo; se, ao contrário, nada espera, entra em desespero e sua razão pode sofrer com isto.

Ninguém contestará que saber de onde se vem e para onde se vai, o que se fez na véspera e o que se fará amanhã, não seja uma coisa necessária para regular os negócios diários da vida, e que esse princípio não influa na conduta pessoal. Certamente o soldado que sabe para onde o conduzem, que vê o seu objetivo, marcha com mais firmeza, mais disposição, mais entusiasmo do que se o conduzissem às cegas. Dá-se o mesmo do pequeno ao grande, da individualidade ao conjunto. Saber de onde se vem e para onde se vai não é menos necessário para regular os negócios da vida coletiva da Humanidade. No dia em que a Humanidade inteira tivesse certeza de que a morte não tem saída, veria uma confusão geral e os homens se atirando uns contra os outros, dizendo: se não devemos viver senão um dia, vivamos o melhor possível, não importa à custa de quem!

O jornal *Livre-pensamento* declara que entende ficar na terra, e se dela sai por vezes, será para refutar os que não pensam como ele, mas que suas incursões fora do real serão de curta duração. Compreenderíamos que assim fosse com um jornal exclusivamente científico, tratando de matérias especiais. É evidente que seria intempestivo falar de espiritualidade, de Psicologia ou de Teologia a propósito de Mecânica, de Química, de Física, de cálculos matemáticos, de comércio ou de indústria;

mas, desde que se faz entrar a *filosofia* em seu programa, não poderia executá-lo sem abordar questões metafísicas. Embora a palavra *filosofia* seja muito elástica, e tenha sido singularmente desviada de sua acepção etimológica, implica, por sua própria essência, pesquisas e estudos que não são exclusivamente materiais.

O conselho de Helvécio: “É preciso ter a coragem de ignorar o que não se pode saber” é muito sábio e se dirige, sobretudo, aos sábios presunçosos, que pensam que nada pode ser oculto ao homem, e que o que eles não sabem ou não compreendem não deve existir. Entretanto, seria mais justo dizer: “É preciso ter a coragem de *confessar sua ignorância* sobre aquilo que não se sabe.” Tal qual está formulado, poder-se-ia traduzi-lo assim: “É preciso ter a coragem *de conservar a sua ignorância*”, donde esta conseqüência: “É inútil procurar saber o que não se sabe.” Sem dúvida há coisas que o homem jamais saberá enquanto estiver na Terra, porque, seja qual for a sua presunção, a Humanidade aqui ainda se acha em estado de adolescência. Mas quem ousaria estabelecer limites absolutos àquilo que pode saber? Já que hoje sabe infinitamente mais que os homens dos tempos primitivos, por que, mais tarde, não saberia mais do que sabe agora? É o que não podem compreender os que não admitem a perpetuidade e a perfectibilidade do *ser espiritual*. Muitos pensam: Estou no topo da escada intelectual; o que não vejo e não compreendo, ninguém pode ver nem compreender.

No parágrafo narrado acima e relativo ao jornal *Livre-consciência*, está dito: “Também não compreendemos a livre-consciência senão como o livre-pensamento com um limite dogmático previamente assinalado. Quando se declara discípulo da Ciência, é irracional estabelecer como dogma uma crença *qualquer*, impossível de provar cientificamente. A liberdade assim limitada não é liberdade.”

Toda a doutrina está nestas palavras; a profissão de fé é clara e categórica. Assim, porque Deus não pode ser demonstrado

por uma equação algébrica e a alma não é perceptível com o auxílio de um reativo, é absurdo crer em Deus e na alma. Em consequência, todo discípulo da Ciência deve ser ateu e materialista. Mas, para não sair da materialidade, a Ciência é sempre infalível em suas demonstrações? Não se viu tantas vezes dar como verdades o que mais tarde se reconheceu serem erros e *vice-versa*? Não foi em nome da Ciência que o sistema de Fulton foi declarado uma quimera? Antes de conhecer a lei da gravitação, não demonstrou ela cientificamente que não podia haver antípodas? Antes de conhecer a da eletricidade, não demonstrou por $a + b$ que não existia velocidade capaz de transmitir um despacho a quinhentas léguas em alguns minutos?

Tinha-se experimentado muito a luz e, no entanto, há poucos anos ainda, quem teria suspeitado os prodígios da fotografia? Contudo, não foram os cientistas oficiais que fizeram essa prodigiosa descoberta, como não fizeram as do telégrafo elétrico, nem das máquinas a vapor. Ainda hoje conhece a Ciência todas as leis da Natureza? Sabe todos os recursos que podem ser tirados das leis conhecidas? Quem ousaria dizê-lo? Não é possível que um dia o conhecimento de novas leis torne a vida *extracorpórea* tão evidente, tão racional, tão inteligível quanto a dos antípodas? Um tal resultado, pondo termo a todas as incertezas, seria então para desdenhar? Seria menos importante para a Humanidade do que a descoberta de um novo continente, de um novo planeta, de um novo engenho de destruição? Pois bem! esta hipótese tornou-se realidade; é ao Espiritismo que a devemos, e é graças a ele que tanta gente, que acreditava morrer para sempre, agora está certa de viver sempre.

Falamos da força de gravitação, desta força que rege o Universo, desde o grão de areia até os mundos. Mas, quem a viu? Quem a pôde seguir e analisar? Em que consiste? Qual a sua natureza, sua causa primeira? Ninguém o sabe e, contudo, ninguém hoje dela duvida. Como reconheceram? Por seus efeitos; dos

efeitos concluíram a causa. Fez-se mais: calculando a força dos efeitos, calculou-se a força da causa, que jamais foi vista. Dá-se o mesmo com Deus e a vida espiritual, que também se julga por seus efeitos, conforme o axioma: “Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.” Crer em Deus e na vida espiritual não é, pois, uma crença puramente gratuita, mas o resultado de observações, tão positivas quanto as que fizeram crer na força da gravitação.

Depois, em falta de provas materiais, ou concorrentes a estas, não admite a filosofia as provas morais que, por vezes, têm tanto ou mais valor que as outras? Vós, que não tomais por verdade senão o que está provado materialmente, que diríeis se, sendo injustamente acusado de um crime, cujas aparências fossem todas contra vós, como se vê com freqüência na justiça, os juízes não levassem em nenhuma conta as provas morais que vos fossem favoráveis? Não seríeis os primeiros a invocá-las? a fazer valer sua preponderância sobre efeitos puramente materiais, que podem criar uma ilusão? a provar que os sentidos podem iludir o mais clarividente? Se, pois, admitis que as provas morais devem pesar na balança de um julgamento, não seríeis conseqüentes convosco mesmo negando seu valor quando se trata de formar uma opinião sobre as coisas que, por sua natureza, escapam à materialidade.

Que de mais livre, de mais independente, de menos perceptível por sua própria essência, do que o pensamento? E, contudo, eis uma escola que pretende emancipá-lo, subjugando-o à matéria; que avança, em nome da razão, que o pensamento circunscrito sobre as coisas terrenas é mais livre que a que se atira no infinito e quer ver além do horizonte material! Tanto valeria dizer que o prisioneiro, que só pode dar alguns passos em sua cela, é mais livre que o que corre os campos. Se não sois livre para crer nas coisas do mundo espiritual, que é infinito, o sois cem vezes menos, vós que vos circunscreveis no estreito limite do tangível,

que dizeis ao pensamento: Não sairás do círculo que te traçamos; e se dele saíres, declaramos que não és mais pensamento são, mas a loucura, a tolice, o contra-senso, porque só a nós cabe discernir o falso do verdadeiro.

A isto responde o espiritualismo: Nós formamos a imensa maioria dos homens, dos quais sois apenas a milionésima parte. Com que direito vos atribuí o monopólio da razão? Dizeis que quereis emancipar nossas idéias impondo-nos as vossas? Mas não nos ensinai nada; sabemos o que sabeis; cremos sem restrição em tudo que credes: na matéria e no valor das provas tangíveis, e mais que vós: em algo fora da matéria; numa força inteligente, superior à Humanidade; em causas inapreciáveis pelos sentidos, mas perceptíveis pelo pensamento; na perpetuidade da vida espiritual, que limitais à duração da vida do corpo. Nossas idéias são, pois, infinitamente mais largas que as vossas; enquanto circunscreveis vosso ponto de vista, o nosso abarca horizontes sem limites. Como aquele que concentra o pensamento sobre uma determinada ordem de fatos, que põe um ponto de parada em seus movimentos intelectuais, *em suas investigações*, pode pretender emancipar aquele que se move sem entraves, e cujo pensamento sonda as profundezas do infinito? Restringir o campo de exploração do pensamento é restringir a liberdade, e é o que fazeis.

Dizeis ainda que quereis arrancar o mundo ao jugo das crenças dogmáticas. Fazeis, ao menos, uma distinção entre suas crenças? Não, porque confundis na mesma reprovação tudo quanto não é do domínio exclusivo da Ciência, tudo quanto não se vê pelos olhos do corpo, numa palavra, tudo que é de essência espiritual, por conseguinte Deus, a alma e a vida futura. Mas se toda crença espiritual é um entrave à liberdade de pensar, dá-se o mesmo com toda crença material; aquele que crê que uma coisa é vermelha, porque a vê vermelha, não é livre de a julgar verde. Desde que o pensamento é detido por uma convicção qualquer, já não é livre. Para ser conseqüente com a vossa teoria, a liberdade absoluta

consistiria em nada crer, nem mesmo em sua própria existência, porque isto seria ainda uma restrição. Mas, então, em que se tornaria o pensamento?

Encarado deste ponto de vista, o livre-pensamento seria um contra-senso. Ele deve ser entendido num sentido mais largo e mais verdadeiro, isto é, do livre uso que se faz da faculdade de pensar, e não de sua aplicação a uma ordem qualquer de idéias. Consiste não em crer numa coisa, em vez de outra, nem em excluir tal ou qual crença, mas na *liberdade absoluta da escolha das crenças*. É, pois, abusivamente que alguns deles fazem aplicação exclusiva às idéias antiespiritualistas. Toda opinião racional, que não é imposta nem subjugada cegamente à de outrem, mas que é voluntariamente adotada em virtude do exercício do raciocínio pessoal, é um pensamento livre, quer seja religioso, político ou filosófico.

Em sua acepção mais vasta, o livre-pensamento significa: livre-exame, liberdade de consciência, fé raciocinada; simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física; não quer mais escravos do pensamento, pois o que caracteriza o livre-pensador é que este pensa por si mesmo, e não pelos outros; em outros termos, sua opinião lhe é própria. Assim, pode haver livres-pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre-pensamento eleva a dignidade do homem, dele fazendo um ser ativo, inteligente, em vez de uma *máquina de crer*.

No sentido exclusivo que alguns lhe dão, em vez de emancipar o espírito, restringe a sua atividade, fazendo-o escravo da matéria. Os fanáticos da incredulidade fazem num sentido o que os fanáticos da fé cega fazem em outro. Então estes dizem: Para ser segundo Deus é preciso crer em tudo o que cremos; fora de nossa fé não há salvação. Os outros dizem: Para ser segundo a razão, é preciso pensar como nós, não crer senão no que cremos; fora dos limites que traçamos à crença, não há liberdade, nem bom-senso,

doutrina que se formula por este paradoxo: Vosso espírito só é livre com a condição de não crer no que quer, o que significa para o indivíduo: Tu és o mais livre de todos os homens, desde que não vás mais longe do que a ponta da corda à qual te amarramos.

Certamente não contestamos aos incrédulos o direito de não crer em coisa alguma além da matéria; mas hão de convir que há singulares contradições na sua pretensão em se atribuir o monopólio da liberdade de pensar.

Dissemos que pela qualidade do livre-pensador, certas pessoas procuram atenuar o que a incredulidade absoluta tem de repulsivo para a opinião das massas. Com efeito, suponhamos que um jornal se intitule abertamente: *O Ateu, O Incrédulo, O Materialista*; pode-se julgar da impressão que este título deixaria no público. Mas se abrigar as mesmas doutrinas sob a capa de *Livre-pensador*, dirão a esta insígnia: É a bandeira da emancipação moral; deve ser a da liberdade de consciência e, sobretudo, da tolerância. Vejamos. Vê-se que nem sempre é preciso reportar-se à etiqueta.

Aliás, seria erro aterrorizar-se além da medida com as conseqüências de certas doutrinas; momentaneamente podem seduzir certos indivíduos, mas jamais seduzirão as massas, que a elas se opõem por instinto e por necessidade. É útil que todos os sistemas venham à luz, a fim de que cada um possa julgar o lado forte e o fraco e, em virtude do direito de livre-exame, possa adoptá-los ou rejeitá-los com conhecimento de causa. Quando as utopias tiverem sido vistas em ação e quando tiverem provado a sua impotência, cairão para não mais se erguer. Por seu próprio exagero, agitam a sociedade e preparam a renovação. Ainda nisto está o sinal dos tempos.

O Espiritismo é, como pensam alguns, uma nova fé cega, que substituiu outra fé cega? Em outras palavras, uma nova escravidão do pensamento sob nova forma? Para o crer, é preciso

ignorar os seus primeiros elementos. Com efeito, o Espiritismo estabelece como princípio que antes de crer é preciso compreender. Ora, para compreender é necessário que se faça uso do raciocínio; eis por que ele procura dar-se conta de tudo antes de admitir alguma coisa, a saber, o porquê e o como de cada coisa. É por isso que os espíritas são mais cépticos do que muitos outros, em relação aos fenômenos que escapam do círculo das observações habituais. Não se baseia em nenhuma teoria preconcebida ou hipotética, mas na experiência e na observação dos fatos; em vez de dizer: “Crede primeiro, e depois compreenderéis, se puderdes”, diz: “Compreendi primeiro, e depois acreditareis, se quiserdes.” Não se impõe a ninguém; diz a todos: “Vede, observai, comparai e vinde a nós livremente, se isto vos convém.” Falando assim, ele entra com grande chance no número dos concorrentes. Se muitos vão a ele, é porque satisfaz a muitos, mas ninguém o aceita de olhos fechados. Aos que não o aceitam, ele diz: “Sois livres e não vos quero; tudo o que vos peço é que me deixeis minha liberdade, como vos deixo a vossa. Se procurais me excluir, temendo que vos suplante, é que não estais muito seguros de vós.”

Não procurando o Espiritismo afastar nenhum dos concorrentes na liça aberta às idéias que devem prevalecer no mundo regenerado, está nas condições do verdadeiro livre-pensamento; não admitindo nenhuma teoria que não seja fundada na observação, está, ao mesmo tempo, nas do mais rigoroso positivismo; enfim, tem sobre seus adversários das duas extremadas opiniões contrárias, a vantagem da tolerância.

Nota – Algumas pessoas nos censuraram as explicações teóricas que, desde o princípio, temos procurado dar dos fenômenos espíritas. Essas explicações, baseadas numa observação atenta, remontando dos efeitos à causa, provavam, por um lado, que queríamos nos dar conta, e não crer cegamente; por outro lado, que queríamos fazer do Espiritismo uma ciência de *raciocínio*, e não de *credulidade*. Por estas explicações, que o tempo

desenvolveu, mas que consagrou em princípio, porque nenhuma foi contraditada pela experiência, os espíritas creram porque compreenderam, e não há dúvida de que é a isto que se deve atribuir o aumento rápido do número de adeptos sérios. É a estas explicações que o Espiritismo deve o ter saído do domínio do maravilhoso, e de se ter ligado às ciências positivas; por elas demonstrou aos incrédulos que não é uma obra da imaginação; sem elas ainda estaríamos por compreender os fenômenos que surgem diariamente. Era urgente estabelecer o Espiritismo, desde o começo, no seu verdadeiro terreno. A teoria fundada sobre a experiência foi o freio que impediu a incredulidade supersticiosa, tanto quanto a malevolência, de o desviar de sua rota. Por que os que nos censuram por havermos tomado esta iniciativa, não a tomaram eles mesmos?

As Três Filhas da Bíblia

Sob este título, o Sr. Hippolyte Rodrigues publicou uma obra, na qual prevê a fusão das três grandes religiões oriundas da Bíblia. Um dos escritores do jornal *Le Pays* faz a respeito as reflexões seguintes, no número de 10 de dezembro de 1866:

“Quais são as três filhas da Bíblia? A primeira é judia, a segunda é católica, a terceira é maometana.

“Compreende-se logo que se trata de um livro importante e que a obra do Sr. Hippolyte Rodrigues interessa especialmente os espíritos sérios, que se comprazem nas meditações morais e filosóficas sobre o destino humano.

“O autor crê numa próxima fusão das três grandes religiões, que chama as três filhas da Bíblia, e trabalha para levar a este resultado, no qual vê um progresso imenso. É desta fusão que sairá a religião nova, que ele considera como devendo ser a religião definitiva da Humanidade.

“Não quero aqui encetar com o Sr. Hippolyte Rodrigues uma polêmica inoportuna sobre a questão religiosa, que se agita desde tantos anos no fundo das consciências e nas entranhas da sociedade. Permitir-me-ei, contudo, uma reflexão. Ele quer que a crença nova seja aceita pelo raciocínio. Até hoje não há senão a fé que fundou e manteve as religiões, por esta razão suprema: *quando se raciocina, não se crê mais*, e quando um povo, uma época cessou de crer, logo se vê desmoronar-se a religião existente, mas não se vê surgir uma religião nova.”

A. de Césena

Essa tendência, que se generaliza, de prever a unificação dos cultos, como tudo que se liga à fusão dos povos, à diminuição das barreiras que os separam moralmente e comercialmente, é também um dos sinais característicos dos tempos. Não julgaremos a obra do Sr. Rodrigues, já que não a conhecemos; também não há por que examinar, no momento, as circunstâncias pelas quais poderá ser atingido o resultado que ele espera, e que considera, com toda razão, como um progresso. Queremos apenas apresentar algumas observações sobre o artigo acima.

O autor labora em grande erro ao dizer que “quando se raciocina não se crê mais.” Nós dizemos, ao contrário, que quando se raciocina sua crença, crê-se mais firmemente, porque se compreende. É em virtude desse princípio que dissemos: Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.

O erro da maior parte das religiões é ter erigido, como dogma absoluto, o princípio da fé cega, e de ter, em favor desse princípio, que aniquila a ação da inteligência, feito aceitar, durante algum tempo, crenças que os progressos ulteriores da Ciência vieram contradizer. Disto resultou, em grande número de pessoas,

a prevenção de que toda crença religiosa é incapaz de suportar o livre-exame, confundindo, numa reprovação geral, o que não passava de casos particulares. Esta maneira de julgar as coisas não é mais racional do que se se condenasse todo um poema, porque encerra alguns versos incorretos, mas é mais cômoda para os que em nada querem crer, porque, rejeitando tudo, se julgam livres para nada examinar.

O autor comete outro erro capital ao dizer: “Quando um povo, uma época cessou de crer, logo se vê desmoronar-se a religião existente, mas não se vê surgir uma religião nova.” Onde ele viu na História, um povo, uma época sem religião?

A maior parte das religiões surgiu nos tempos recuados, quando os conhecimentos científicos eram muito limitados ou nulos. Erigiram como crenças noções erradas, que só o tempo podia retificar. Infelizmente, todas se fundaram sobre o princípio da imutabilidade, e como quase todas confundiram, num mesmo código, a lei civil e a lei religiosa, disso resultou que, em dado momento, tendo avançado o espírito humano, enquanto as religiões ficaram estacionárias, estas não mais se encontraram à altura das idéias novas. Então caem pela força das coisas, como caem as leis, os costumes sociais, os sistemas políticos que não podem corresponder às necessidades novas. Mas como as crenças religiosas são instintivas no homem e constituem, para o coração e para o espírito, uma necessidade tão imperiosa quanto a legislação civil para a ordem social, não se aniquilam: transformam-se.

A transição jamais se opera de maneira brusca, mas pela mistura temporária das idéias antigas e das idéias novas; é, de início, uma fé mista, que participa de umas e de outras; pouco a pouco a velha crença se extingue, a nova cresce, até que a substituição seja completa. Por vezes a transformação é apenas parcial; então são seitas que se separam da religião-mãe, modificando alguns pontos de detalhe. Foi assim que o Cristianismo sucedeu ao paganismo,

que o Islamismo sucedeu ao fetichismo árabe, que o protestantismo, a religião grega se separaram do catolicismo. Por toda parte vêem-se os povos não deixar uma crença senão para tomar outra, apropriada ao seu adiantamento moral e intelectual; mas em parte alguma há solução de continuidade.

É verdade que hoje se vê a incredulidade absoluta fazer-se passar por doutrina e ser professada por algumas seitas filosóficas; mas seus representantes, que constituem uma ínfima minoria na população inteligente, erram por se julgarem todo um povo, toda uma época e, porque não querem mais religião, imaginam que sua opinião pessoal é a medida dos tempos religiosos, quando não passa de uma transição parcial a outra ordem de idéias.

O Abade Lacordaire e as Mesas Girantes

Extraído de uma carta do abade Lacordaire à Sra. Swetchine, datada de Flavigny, 29 de junho de 1853, tirada de sua correspondência, publicada em 1865.

“Vistes girar e ouvistes falar das mesas? – Desdenhei vê-las girar, como uma coisa muito simples, mas ouvi e as fiz falar. Elas me disseram coisas deveras notáveis sobre o passado e o presente. Por mais extraordinário que isto seja, é para um cristão que acredita nos *Espíritos* um fenômeno muito vulgar e muito pobre. Em todos os tempos houve modos mais ou menos bizarros para *se comunicar com os Espíritos*; apenas outrora se fazia mistério desses processos, como se fazia mistério da Química; a justiça, por meio de execuções terríveis, reprimia na sombra essas estranhas práticas. Hoje, graças à liberdade dos cultos e à publicidade universal, o que era um segredo tornou-se uma fórmula popular. Talvez, também, por essa divulgação, Deus queira proporcionar o desenvolvimento das forças espirituais ao desenvolvimento das

forças materiais, a fim de que o homem não esqueça, em presença das maravilhas da mecânica, que há dois mundos incluídos um no outro: *o mundo dos corpos e o mundo dos Espíritos.*

“É provável que esse desenvolvimento paralelo vá crescendo até o fim do mundo, o que trará um dia o reino do anticristo, onde se verá, de um lado e do outro, para o bem e para o mal, o emprego de armas sobrenaturais e de prodígios pavorosos. Disto não concluo que o Anticristo esteja próximo, porque as operações que testemunhamos nada têm, salvo a publicidade, de mais extraordinário do que o que se via outrora. Os pobres incrédulos devem estar bastante inquietos com sua razão; mas têm o recurso de tudo crer para escapar à verdadeira fé e não falharão. Ó profundeza dos desígnios de Deus!”

O abade Lacordaire escrevia isto em 1853, isto é, quase no começo das manifestações, numa época em que esses fenômenos eram muito mais objeto de curiosidade do que assuntos de meditações sérias. Embora eles não se tivessem constituído, então, nem em ciência, nem em corpo de doutrina, o abade lhe tinha entrevisto o alcance e, longe de os considerar como coisa efêmera, previa o seu desenvolvimento no futuro. Sua opinião sobre a existência e a manifestação dos Espíritos é categórica. Ora, como ele é tido, geralmente, por todo o mundo como uma das altas inteligências do século, parece difícil colocá-lo entre os loucos, depois de o ter aplaudido como homem de grande senso e de progresso. Pode-se, pois, ter o senso comum e crer nos Espíritos.

As mesas girantes, diz ele, são “um fenômeno muito vulgar e muito pobre.” Com efeito, bem pobre quanto ao meio de comunicação com os Espíritos, porque se não se tivessem tido outros, o Espiritismo quase não teria avançado; então se conheciam apenas os médiuns escreventes e não se suspeitava o que iria sair desse meio, aparentemente tão pueril. Quanto ao reino do Anticristo, Lacordaire parece não se assustar muito, porque não o

vê chegar tão cedo. Para ele essas manifestações são *providenciais*; devem *perturbar e confundir os incrédulos*; nelas admira a profundidade dos julgamentos de Deus; elas não são, pois, obra do diabo, que deve impelir a renegar Deus, e não a reconhecer o seu poder.

O extrato acima da correspondência de Lacordaire foi lido na Sociedade de Paris, na sessão de 18 de janeiro. Nessa mesma sessão o Sr. Morin, um dos médiuns escreventes habituais, adormeceu espontaneamente sob a ação magnética dos Espíritos; era a terceira vez que nele se produzia este fenômeno, pois habitualmente só adormece pela magnetização ordinária. Durante o sono falou sobre diferentes assuntos e de vários Espíritos presentes, cujo pensamento nos transmitiu. Entre outras coisas disse o seguinte:

“Um Espírito que todos conheceis, e que também reconheço; um Espírito de grande reputação na Terra, elevado na escala intelectual dos mundos está aqui. Espírita antes do Espiritismo, eu o vi ensinando a doutrina, não mais como encarnado, mas como Espírito. Vi-o pregando com a mesma eloqüência, com o mesmo sentimento de convicção íntima que quando vivo, o que por certo não teria ousado pregar abertamente do púlpito, mas aquilo a que conduziam os seus ensinos. Vi-o pregar a doutrina aos seus, à sua família, a todos os seus amigos. Vi-o exaltar-se, embora em estado espiritual, quando encontrava um cérebro refratário ou uma resistência obstinada às inspirações que soprava; sempre vivo e impetuoso, querendo fazer penetrar a convicção nas inteligências, como se faz penetrar na rocha viva o cinzel impellido por vigorosa martelada. Mas este não entra tão depressa; entretanto, sua eloqüência converteu mais de um. Este Espírito é o do abade Lacordaire.

“Ele pede uma coisa, não por espírito de orgulho, não por um interesse pessoal qualquer, mas no interesse de todos e para o bem da doutrina: a inserção na Revista do que escreveu há treze

anos. Se peço esta inserção, diz ele, é por dois motivos: o primeiro porque mostrareis ao mundo, como dizeis, que se pode não ser tolo e crer nos Espíritos; o segundo, porque a publicação desse primeira citação fará descobrir em meus escritos outras passagens que vos serão assinaladas, como concordes com os princípios do Espiritismo.”

Refutação da Intervenção do Demônio

(Por monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis)

Em resposta à opinião que atribui a uma astúcia do demônio as transformações morais operadas pelo ensino dos Espíritos, temos dito muitas vezes que o diabo seria muito pouco hábil se, para chegar a perder o homem, começasse por o tirar do atoleiro da incredulidade e o reconduzisse a Deus; que esta seria a conduta de um tolo e de um simplório. A isto objetam que é precisamente aí que está a obra-prima da malícia desse inimigo de Deus e dos homens. Confessamos não compreender a malícia.

Um dos nossos correspondentes nos dirige, em apoio ao nosso raciocínio, as palavras que seguem, de monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, tiradas de suas *Conferências sobre a religião*, tomo II, página 341; Paris – 1825.

“Se Jesus-Cristo tivesse operado seus milagres pela virtude do demônio, o demônio teria trabalhado para destruir o seu império e teria empregado seu poder contra si mesmo. Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude, seria um demônio singular. Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia: ‘Se opero prodígios em nome do demônio, então o demônio está dividido consigo mesmo; ele procura, pois, destruir-se’, *resposta que não sofre réplica.*”

Obrigado ao nosso correspondente pelo obséquio de nos assinalar esta importante passagem, da qual nossos leitores saberão aproveitar oportunamente. Obrigado, também, a todos os que nos transmitem o que encontram, em suas leituras, de interessante para a doutrina. Nada é perdido.

Como se vê, nem todos os eclesiásticos professam, sobre a doutrina demoníaca, opiniões tão absolutas quanto as de certos membros do clero. Nestas matérias, o monsenhor de Hermópolis é uma autoridade cujo valor não poderiam recusar. Seus argumentos são precisamente os mesmos que os espíritas opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que recebem dos Espíritos. Com efeito, que fazem os Espíritos, senão destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude? reconduzir a Deus os que o desconhecem e o negam? Se tal fosse a obra do demônio, ele agiria como um ladrão profissional, que restituísse o que tinha roubado e induzisse os outros ladrões a se tornarem honestos. Então deveria ser cumprimentado por sua transformação. Sustentar a cooperação *voluntária* do Espírito do mal para produzir o bem, não só é um contra-senso, mas é renegar a mais alta autoridade cristã: a do Cristo.

Que os fariseus do tempo de Jesus tivessem acreditado nisto de boa-fé, podia conceber-se, porque então não se era mais esclarecido sobre a natureza de Satã do que sobre a de Deus, e que entrava na teogonia dos judeus deles fazer dois grandes rivais. Mas hoje uma tal doutrina é tão inadmissível quanto a que atribuía a Satã certas invenções industriais, como a imprensa, por exemplo. Os mesmos que a defendem talvez sejam os últimos a nela crer; já cai no ridículo e não amedronta a ninguém; em pouco tempo ninguém ousará mais invocá-la seriamente.

A Doutrina Espírita não admite poder rival ao de Deus, e ainda menos poderia admitir que um ser decaído, precipitado por Deus no abismo, pudesse ter recuperado bastante poder para

contrabalançar os seus desígnios, o que tiraria de Deus a sua onipotência. Segundo esta doutrina, Satã é a *personificação alegórica* do mal, como entre os pagãos Saturno era a personificação do tempo, Marte a da guerra, Vênus a da beleza.

Os Espíritos que se manifestam são as almas dos homens e no número os há, como entre os homens, bons e perversos, adiantados e atrasados; os bons dizem boas coisas, dão bons conselhos; os perversos os dão maus, inspiram maus pensamentos e fazem o mal como o faziam na Terra. Vendo a maldade, a velhacaria, a ingratidão, a perversidade de certos homens, reconhece-se que não valem mais que os piores Espíritos; mas, encarnados ou desencarnados, esses Espíritos maus um dia chegarão a se melhorar, quando tiverem sido tocados pelo arrependimento.

Comparai uma e outra doutrina, e vereis qual a mais racional, a mais respeitosa para com a divindade.

Variedades

EUGÉNIE COLOMBE – PRECOCIDADE FENOMENAL

Vários jornais reproduziram o seguinte fato:

“O *Sentinelle*, de Toulon, fala de um jovem fenômeno, que se admira no momento nesta cidade.

“É uma menina de dois anos e onze meses, chamada Eugénie Colombe.

“Esta menina já sabe ler e escrever perfeitamente; além disso está em condição de sustentar o mais sério exame sobre os princípios da religião cristã, sobre a gramática francesa, a geografia, a história da França e as quatro operações de aritmética.

“Conhece a rosa dos ventos e sustenta perfeitamente uma discussão científica sobre todos esses assuntos.

“Esta admirável menina começou a falar muito distintamente com quatro meses de idade.

“Apresentada nos salões da prefeitura marítima, Eugénie Colombe, dotada de um semblante encantador, obteve um sucesso admirável.”

Este artigo nos tinha parecido, como a muitas outras pessoas, marcado de tal exagero, que não havíamos ligado nenhuma importância. Todavia, para saber positivamente a quem nos atermos, pedimos a um dos nossos correspondentes, oficial de marinha em Toulon, que se informasse do fato. Eis o que nos respondeu:

“Para me assegurar da verdade, fui à casa dos pais da menina referida pelo *Sentinelle Toulonnaise* de 19 de novembro; vi essa encantadora menina, cujo desenvolvimento físico é compatível com sua idade: ela não tem mais que três anos. Sua mãe é professora e dirige a sua instrução. Em minha presença interrogou-a sobre o catecismo, a história sagrada, desde a criação do mundo até o dilúvio, os oito primeiros reis da França e diferentes circunstâncias relativas a seus reinados e ao de Napoleão I. Quanto à Geografia, a menina citou as cinco partes do mundo, as capitais dos países que encerram, várias capitais dos Departamentos da França. Também respondeu perfeitamente sobre as primeiras noções de gramática francesa e o sistema métrico. A menina deu todas essas respostas sem a menor hesitação, divertindo-se com os brinquedos que tinha em mãos. Sua mãe me disse que ela sabe ler desde os dois anos e meio e garantiu-me que é capaz de responder do mesmo modo a mais de quinhentas perguntas.”

O fato, escoimado do exagero do relato dos jornais, e reduzido às proporções acima, não é menos notável e importante

em suas conseqüências. Chama forçosamente a atenção sobre fatos análogos de precocidade intelectual e conhecimentos inatos. Involuntariamente se procura a sua explicação, e com as idéias que circulam, da pluralidade das existências, chega-se a encontrar a sua solução racional numa existência anterior. Há que se colocar esses fenômenos no número dos que são anunciados como devendo, por sua multiplicidade, confirmar as crenças espíritas e contribuir para o seu desenvolvimento.

No caso de que se trata, a memória parece certamente desempenhar um papel importante. Sendo professora a mãe da menina, sem dúvida a pequena se encontrava habitualmente na escola e terá retido as lições dadas aos alunos por sua mãe, ao passo que se vêem certos alunos possuir, por intuição, conhecimentos de certo modo inatos e fora de qualquer ensino. Mas por que, nela e não em outros, esta facilidade excepcional para assimilar o que ouvia e que, provavelmente, não pensavam em lhe ensinar? É que o que ela ouvia apenas lhe despertava a lembrança do que sabia. A precocidade de certas crianças para as línguas, a música, as matemáticas, etc., todas as idéias inatas, numa palavra, igualmente não passam de lembranças; elas se lembraram do que souberam, como se vêem certas pessoas lembrar-se, mais ou menos vagamente, do que fizeram ou do que lhes aconteceu. Conhecemos um menino de cinco anos que, estando à mesa, onde nada na conversa poderia ter provocado uma idéia a esse respeito, pôs-se a dizer: “Eu fui casado, e me lembro bem; tinha uma mulher, de baixa estatura, jovem e linda, e tive vários filhos.” Certamente não se tem nenhum meio de controlar sua asserção, mas, pergunta-se, de onde lhe poderia ter vindo semelhante idéia, quando nenhuma circunstância a teria provocado?

Disto se deve concluir que as crianças que só aprendem à custa do trabalho foram ignorantes ou estúpidas em sua precedente existência? Por certo que não. A faculdade de se recordar é uma aptidão inerente ao estado psicológico, isto é, ao

mais fácil desprendimento da alma em certos indivíduos do que em outros, uma espécie de visão espiritual, que lhes lembra o passado, ao passo que os que não a possuem, esse passado não deixa nenhum traço *aparente*. O passado é como um sonho, do qual nos lembramos com maior ou menor exatidão, ou do qual perdemos totalmente a lembrança. (Vide *Revista Espírita* de julho de 1860; idem de novembro de 1864).

No momento de ir para o prelo, recebemos de um dos nossos correspondentes da Argélia, que, de passagem por Toulon, viu a pequena Eugénie Colombe, uma carta contendo o relato seguinte, que confirma o precedente, e acrescenta detalhes que não deixam de ter interesse:

“Esta menina, de notável beleza e extrema vivacidade, é de uma doçura angelical. Sentada nos joelhos de sua mãe, respondeu a mais de cinqüenta perguntas sobre o Evangelho. Interrogada sobre Geografia, designou-me todas as capitais da Europa e de diversos estados da América; todas as capitais dos Departamentos franceses e da Argélia; explicou-me o sistema decimal, o sistema métrico. Em gramática, os verbos, os participios e os adjetivos. Ela conhece, ou pelo menos define, as quatro operações. Escreveu o que lhe ditei com tal rapidez que fui levado a crer que escrevia mediunicamente. Na quinta linha interrompeu a escrita, olhou-me fixamente com seus grandes olhos azuis e me disse bruscamente: ‘Senhor, é bastante.’ Depois desceu da cadeira e correu aos seus brinquedos.

“Esta criança é certamente um Espírito muito avançado, porque se vê que responde e cita sem o menor esforço de memória. Sua mãe me disse que desde a idade de 12 a 15 meses ela sonha à noite, mas numa linguagem que não permite compreendê-la. É caridosa por instinto; atrai sempre a atenção da mãe, quando avista um pobre; não suporta que batam nos cães, nos gatos, nem em qualquer animal. Seu pai é um operário do arsenal marítimo.”

Só espíritas esclarecidos, como os nossos dois correspondentes, podiam apreciar o fenômeno psicológico que apresenta esta menina e sondar-lhe a causa; porque, assim como para julgar um mecanismo é preciso um mecânico, para julgar fatos espíritas é preciso ser espírita. Ora, em geral a quem encarregam da constatação e da explicação dos fenômenos deste gênero? Precisamente a pessoas que não os estudaram e que, negando a causa primária, não lhe podem admitir as conseqüências.

TOM, O CEGO, MÚSICO NATURAL³

Lê-se no *Spiritual Magazine*, de Londres:

“A celebridade de *Tom, o Cego*, que há pouco fez o seu aparecimento em Londres, já se tinha espalhado aqui; alguns anos atrás um artigo no jornal *All the year round* tinha descrito suas notáveis faculdades e a sensação que haviam produzido na América. A maneira pela qual as faculdades se desenvolveram nesse negro, escravo e cego, ignorante e totalmente iletrado; como, menino ainda, um dia surpreendido pelos sons da música na casa de seu senhor, correu sem cerimônia a tomar lugar ao piano, reproduzindo nota por nota o que acabava de ser tocado, rindo e se contorcendo de alegria ao ver o novo mundo de prazeres que acabava de descobrir, tudo isto foi tão freqüentemente repetido, que julgo inútil mencioná-lo outra vez. Mas um fato significativo e interessante me foi contado por um amigo, que foi o primeiro a testemunhar e apreciar a faculdade de Tom. Um dia uma obra de Haendel foi tocada. Imediatamente Tom a repetiu corretamente e, ao terminar, esfregou as mãos com uma expressão de indefinível alegria, exclamando: ‘Eu o vejo; é um velho com uma grande peruca; ele tocou primeiro e eu depois.’ É incontestável que Tom tinha visto Haendel e o tinha ouvido tocar.

“Tom exibiu-se várias vezes em público, e a maneira por que executa os trechos mais difíceis quase faria duvidar de sua

3 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

enfermidade. Repete sem falha no piano e, necessariamente, de memória, tudo quanto lhe tocam, quer sonatas clássicas antigas, quer fantasias modernas. Ora, bem que gostaríamos de ver quem pudesse aprender desta maneira as variações de Thalberg com os olhos fechados, como ele fez.

“Este fato surpreendente de um cego, ignorante, desprovido de qualquer instrução, mostrando um talento que outros são incapazes de adquirir, mesmo com todas as vantagens do estudo, provavelmente será explicado por um grande número, segundo a maneira ordinária de encarar estas coisas, dizendo: é um gênio e uma organização excepcional. Mas só o Espiritismo pode dar a chave deste fenômeno de maneira compreensível e racional.”

As reflexões que fizemos a propósito da menina de Toulon naturalmente se aplicam a Tom, o cego. Tom deve ter sido um grande músico, ao qual bastou ouvir para estar na via do que soube. O que torna o fenômeno mais extraordinário é que se apresenta num negro, escravo e cego, tríplice causa que se opunha à cultura de suas aptidões nativas e a despeito das quais se manifestaram na primeira ocasião favorável, como um grão germinando aos raios-do-sol. Ora, como a raça negra, em geral, e sobretudo no estado de escravidão, não brilha pela cultura das artes, forçoso é concluir que o Espírito Tom não pertence a esta raça, mas que nela se terá encarnado, quer como expiação, quer como meio providencial de reabilitação desta raça na opinião, mostrando do que ela é capaz.

Muito foi dito e escrito contra a escravidão e o preconceito da cor. Tudo quanto disseram é justo e moral; mas não passava de uma tese filosófica. A lei da pluralidade das existências e da reencarnação vem a isto acrescentar a irrefutável sanção de uma lei da Natureza, que consagra a fraternidade de todos os homens. Tom, o escravo, nascido e aclamado na América, é um protesto vivo contra os preconceitos ainda reinantes nesse país.

(Vide a *Revista* de abril de 1862: Perfectibilidade da raça negra. Frenologia espiritualista).

SUICÍDIO DOS ANIMAIS

“Há alguns dias o *Morning-Post* contava a estranha história de um cão que se teria suicidado. O animal pertencia a um Sr. Home, de Frinsbury, perto de Rochester. Parece que certas circunstâncias o tinham como suspeito de hidrofobia e que, por conseguinte, o evitavam e o mantinham afastado da casa tanto quanto possível. Ele parecia experimentar muito pesar por ser assim tratado, e durante alguns dias notaram que estava de mau humor, sombrio e angustiado, mas sem mostrar ainda nenhum sintoma da raiva. Quinta-feira viram-no deixar o seu nicho e dirigir-se para a residência de um amigo íntimo de seu dono, em Upnor, onde recusaram acolhê-lo, o que lhe arrancou um grito lamentoso.

“Depois de ter esperado algum tempo diante da casa, sem conseguir ser admitido em seu interior, decidiu partir e viram-no ir para o lado do rio, que passa perto de lá, descer a ribanceira com passo deliberado; em seguida, e após voltar-se e soltar uma espécie de uivo de adeus, entrou no rio, mergulhou a cabeça na água e, ao cabo de um ou dois minutos, reapareceu sem vida à superfície.

“Segundo dizem, este ato de suicídio extraordinário foi testemunhado por grande número de pessoas. O gênero de morte prova claramente que o animal não era hidrófobo.

“Este fato parece muito extraordinário. Sem dúvida encontrará incrédulos. Contudo, diz o *Droit*, não lhe faltam precedentes.

“A História nos conservou a lembrança de cães fiéis, que se deram a uma morte voluntária, para não sobreviverem aos seus donos. Montaigne cita dois exemplos tomados da

Antiguidade: ‘Hyrcanus, o cão do rei Lysimachus, seu dono morto, ficou obstinado sobre sua cama, sem querer beber nem comer, e no dia em que queimaram o corpo, correu e atirou-se ao fogo, onde foi queimado. O mesmo sucedeu com um cão chamado Pyrrhus, porque não saiu de cima do leito do seu dono desde que este morreu; e quando o levaram, deixou-se levar e, finalmente, lançou-se na fogueira onde queimava o corpo de seu dono.’ (*Ensaio*, livro II, capítulo XII). Nós mesmos registramos, há alguns anos, o fim trágico de um cão que, tendo incorrido na desgraça de seu dono, e não achando consolo, tinha-se precipitado do alto de uma passarela no canal Saint-Martin. O relato muito circunstanciado que então fizemos do caso jamais foi contraditado, nem deu lugar a qualquer reclamação das partes interessadas.”

(*Petit Journal*, 15 de maio de 1866)

Não faltam exemplos de suicídio entre os animais. Como foi dito acima, o cão que se deixa morrer de inanição pelo pesar de haver perdido o dono, comete um verdadeiro suicídio. O escorpião, cercado por carvões em brasa, vendo que dali não pode sair, mata-se. É uma analogia a mais a constatar entre o espírito do homem e o dos animais.

Poesia Espírita

(Sociedade de Paris, 20 de julho de 1866 – Médiun: Sr. Vavasseur)

LEMBRANÇA

Dois jovens são: irmã e irmão,
Juntos em noite de verão,
Entram na choça. E a noite avança
A passo lento, sem palrança,
Por detrás deles, vaporosa
Como uma sombra misteriosa.
Já dorme o pássaro na mata,
E o vento norte se recata;

Tudo sonhava em doce arcano.
E diz a irmã, baixinho, ao mano:
Estou com medo; ouves, irmão
Chorar um sino ao longe, então?
É um dobre lúgubre a finados,
A um morto, pois. Não assustados,
Irmã, fiquemos, é uma alma
Que sai da Terra e que com calma
Reclama prece pra pagar
No eterno além o seu lugar.
Vamos, irmã, orar na igreja
De laje cinza e poenta, seja
Local em que de luto, um dia,
Por trás do esquife em que dormia,
A pobre mãe nós vimos pois.
Vamos orar também, irmã;
Bênçãos teremos amanhã.
Vamos já, vamos! – Logo, os dois,
De olhos em lágrimas, depois,
Deram-se as mãos e, com carinho,
Tomam, assim, logo o caminho
Que ambos conduz à velha igreja.
Segunda vez o sino harpeja
E lhes oferta o triste adeus
Do morto em busca de seu Deus,
Cessando o sino o seu lamento;
Mudos de medo e em desalento
Caminham as duas crianças
Co’olhar nos céus, têm esperanças.
Da igreja, então, já quase à entrada
Uma mulher viram sentada
À sombra da pilastra triste
Que a pia benta erguer lhe assiste.
Tendo os pés nus, face velada,
Pálida, louca e desgrenhada,
Ela exclamava alto: Ó meu Deus!
Vós que se adora aqui, nos céus,
Em todo o tempo, em toda a Terra,
E, no céu, pobre mãe se encerra
Tremendo aos pés de vosso altar,
Ante o amor vosso singular,
Diante de vós, ouse a aflição

De lamentar-se a estar então.
Senhor! Não tinha eu mais que um filho,
Um só; de um róseo e de um brilho
Qual branco raio que colora
Uma manhã de fresca aurora.
O terno azul dos olhos seus
Lembrava o azul dos vossos céus,
E em sua boca um riso doce
Fulgia assim como se fosse
Dizer: Não chores em teu lar;
É Deus que vem de me enviar.
Vê, a tormenta, mãe, cessou;
Espera! o céu limpo ficou;
E eu esperava. Mas, infante,
Tu te enganavas, inconstante.
Do vento o sopro sobre a praia
Tudo destrói e se desmaia,
Senão caniços que deixando
Ao pé das águas vão chorando.
E quando a morte bate à porta
De um lar, ela entra e então transporta
Consigo tudo! E por reduto
Só deixa a marca atroz do luto.
Sabia eu pois que um belo sonho
De uma manhã, finda tristonho,
À tarde aqui; que a noite, entanto,
Do sol inveja o brilho santo
Que empalidece a sua sombra,
Lançando um véu por toda a alfombra
A escurecer seus mil fulgores,
Fechando aos olhos esplendores.
Sim, eu sabia; a mãe, porém,
Ignora tudo; e não lhe vem
O que ela espera crente em tudo;
Bem para o filho, sobretudo.
Toda uma vida de ventura,
Eu não podia sem loucura
Um dia ter felicidade?
E outra é, Senhor, vossa vontade!
Seja ela feita, assim suspiro,
Só, neste humilde e atroz retiro,
Onde eu já vi morrer-me o esposo,

Onde, sem cor no ermo espinhoso,
 Eu recebi de um pai o adeus,
 Onde tirais da mãe os seus
 Últimos sonhos de esperança
 Diante do algoz de uma criança.
 Morte, que a vítima vigia
 Com cruel riso de alegria,
 Senhor! Eu lhe suplico a mão
 Que fere os meus, um dia, então,
 Da própria mãe não lhe poupar
 De o filho à terra reclamar.
 E o sino última vez badala,
 A estas palavras a voz fala
 Da alma do filho sobre a terra
 Consolo à pobre mãe encerra,
 Ao lhe dizer: Nos céus estou!
 Quando o casal de irmãos deixou
 A velha igreja logo à entrada,
 Vêem a mulher inda sentada.

Jean

Dissertações Espíritas

AS TRÊS CAUSAS PRINCIPAIS DAS DOENÇAS

(Paris, 25 de outubro de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

O que é o homem?... Um composto de três princípios essenciais: o Espírito, o perispírito e o corpo. A ausência de qualquer um destes três princípios levaria necessariamente ao aniquilamento do ser no estado humano. Se o corpo não mais existir, haverá o Espírito e não mais o homem; se o perispírito faltar ou não puder funcionar, não podendo o imaterial agir diretamente sobre a matéria e, desse modo, achando-se na impossibilidade de manifestar-se, poderá haver alguma coisa no gênero do cretino ou do idiota, mas jamais haverá um ser inteligente. Enfim, se o Espírito faltar, ter-se-á um feto vivendo a vida animal, e não um

Espírito encarnado. Se, pois, temos três princípios frente a frente, esses três princípios devem reagir um sobre o outro, e seguir-se-á a saúde ou a doença, conforme haja entre eles harmonia perfeita ou discordância parcial.

Se a doença ou a desordem orgânica, como se queira chamar, procede do corpo, os medicamentos materiais, sabiamente empregados, bastarão para restabelecer a harmonia geral.

Se a perturbação vier do perispírito, se for uma modificação do princípio fluídico que o compõe, que se ache alterado, será preciso uma medicação em relação com a natureza do órgão perturbado, para que as funções possam retomar seu estado normal. Se a doença proceder do Espírito, não se poderá empregar, para a combater, outra coisa senão uma medicação espiritual. Se, enfim, como é o caso mais geral e, pode-se mesmo dizer, o que se apresenta exclusivamente, se a doença procede do corpo, do perispírito e do Espírito, será preciso que a medicação combata ao mesmo tempo todas as causas da desordem por meios diversos, para obter a cura. Ora, que fazem geralmente os médicos? Cuidam do corpo e o curam; mas curam a doença? Não. Por quê? Porque sendo o perispírito um princípio superior à matéria propriamente dita, poderá tornar-se a causa em relação a esta e, se for entravado, os órgãos materiais, que se acham em relação com ele, serão igualmente atingidos na sua vitalidade. Cuidando do corpo, destruireis o efeito; contudo, residindo a causa no perispírito, a doença voltará novamente quando os cuidados cessarem, até que se perceba que é preciso dirigir alhures a atenção, tratando fluidicamente o princípio fluídico mórbido.

Se, enfim, a doença procede da *mente*, do Espírito, o perispírito e o corpo, postos sob sua dependência, serão entravados em suas funções, e nem será cuidando de um nem de outro que se fará desaparecer a causa.

Assim, não é vestindo a camisa de força num louco, ou lhe dando pílulas ou duchas, que se conseguirá restabelecer o seu estado normal; apenas acalmarão seus sentidos revoltados; acalmarão os seus acessos, mas não destruirão o germe senão combatendo por seus semelhantes, fazendo homeopatia espiritualmente e fluidicamente, dando ao doente, pela prece, uma dose infinitesimal de paciência, de calma e de resignação, conforme o caso, como lhe dão uma dose infinitesimal de brucina, de digitális ou de acônito.

Para destruir uma causa mórbida, deve-se combatê-la em seu terreno.

Dr. Morel Lavallée

A CLAREZA

(Sociedade de Paris, 5 de janeiro de 1866 – Médiun: Sr. Leymarie)

Conceder-me-íeis hospitalidade para a vossa primeira sessão de 1866? Abraçando-o fraternalmente, desejo vos apresentar votos amigos; que possais ter muitas satisfações morais, muita vontade e caridade perseverante.

Neste século de luz, o que mais falta é clareza! Os semi-sábios, os papões da imprensa, fizeram valentemente o trabalho da aranha, para obscurecer, por meio de um tecido supostamente liberal, tudo o que é claro, tudo que aclara.

Caros espíritas, encontrastes em todas as camadas sociais esta força de raciocínio que é a marca da inteligência dos seres bem-sucedidos? Ao contrário, não tendes a certeza de que a grande maioria de vossos irmãos apodrece numa ignorância malsã? Por toda parte as heresias e as más ações! As boas intenções, viciadas em seu princípio, caem uma a uma, semelhantes a esses belos frutos, cujo cerne um verme róí e o vento lança por terra. A clareza nos argumentos, no saber, acaso teria escolhido domicílio

nas academias, entre os filósofos, os jornalistas ou os panfletários?... Ao que parece, poder-se-ia duvidar, vendo-os, a exemplo de Diógenes, de lanterna à mão, procurar uma verdade em pleno sol.

Luz, claridade, sois a essência de todo movimento inteligente! Logo inundareis com os vossos raios benfazejos os mais obscuros refolhos desta pobre Humanidade; sois vós que tirareis do lamaçal tantos terrícolas pasmados, embrutecidos, espíritos infelizes que devem ser purificados pela instrução, pela liberdade e, sobretudo, pela consciência de seu valor espiritual. A luz expulsará as lágrimas, as penas, os sombrios desesperos, a negação das coisas divinas, todas as más vontades! Sitiando o materialismo, ela o forçará a não mais se abrigar por trás dessa barreira factícia, carcomida, de onde arremessa desajeitadamente suas flechas sobre tudo quanto não é obras sua.

Mas as máscaras serão arrancadas e então saberemos se os prazeres, a fortuna e o sensualismo são mesmo os emblemas da vida e da liberdade. A clareza é útil em tudo e a todos; no embrião como no homem é preciso luz! sem ela *tudo marcha às cegas e, às apalpadelas, a alma busca a alma.*

Que se faça uma noite eterna! logo as coisas harmoniosas desaparecerão de vosso globo, as flores estiolar-se-ão, as grandes árvores serão destruídas; os insetos, a Natureza inteira não mais darão esses mil ruídos, a eterna canção de Deus! Os regatos banharão barrancos desolados; o frio terá tudo mumificado, a vida terá desaparecido!...

É o mesmo para o Espírito. Se fizerdes noite em seu redor, ele ficará doente; o frio petrificará suas tendências divinas; o homem, como na Idade Média, entorpecer-se-á, semelhante em sua alma às solidões selvagens e desoladas das regiões boreais!

É por isto, espíritas, que vos deveis a todas as clarezas. Mas antes de aconselhar e ensinar, começai primeiro por esclarecer os menores recônditos de vossa alma. Quando, bastante depurados para nada temer, puderdes elevar a voz, o olhar, o gesto, fareis uma guerra implacável à sombra, à tristeza, à ausência de vida; ensinareis as grandes leis espíritas aos irmãos que nada sabem do papel que Deus lhes assinala.

1866, possas tu, para os anos por vir, ser esta estrela luminosa, que conduzia os reis magos para a manjedoura de uma humilde criança do povo. Eles vinham render homenagem à encarnação que devia representar, no mais vasto sentido, o Espírito de Verdade, esta luz benfeitora que transformou a Humanidade. Por esse menino tudo foi realizado! É bem ele que eterniza a graça e a simplicidade, a caridade, a benevolência, o amor e a liberdade.

O Espiritismo, estrela luminosa que também é, deve rasgar, como o fez aquela há dezoito séculos, o véu sombrio dos séculos de ferro, conduzir os terrícolas à conquista das verdades prometidas. Saberá ele bem se desvencilhar das tempestades que nos prometem as evoluções humanas e as resistências desesperadas da ciência em apuros? É o que vós todos, meus amigos, e nós, vossos irmãos da erraticidade, somos chamados a melhor acusar, inundando este ano com as claridades conquistadas.

Trabalhar com este objetivo é ser adepto do Menino de Belém, é ser filho de Deus, de quem emanam toda luz e toda clareza.

Sonnez

COMUNICAÇÃO PROVIDENCIAL DOS ESPÍRITOS

(Grupo Delanne – Paris, 8 de janeiro de 1865 – Médium: Sra. Br...)

Os tempos são chegados em que esta palavra do profeta deve ser realizada: “Espalharei, diz o Senhor, do meu

Espírito sobre toda a carne; e vossos filhos profetizarão, vossos velhos terão sonhos.”⁴ O Espiritismo é esta difusão do Espírito divino, vindo instruir e moralizar todos esses pobres deserddados da vida espiritual que, não vendo senão a matéria, esquecem que o homem não vive apenas de pão.

É preciso ao corpo um organismo material a serviço da alma, um alimento apropriado à sua natureza; mas à alma, emanção do Espírito Criador, é preciso um alimento espiritual, que só encontra na contemplação das belezas celestes, resultante da harmonia das faculdades inteligentes em sua inteira manifestação.

Enquanto o homem negligencia cultivar o seu espírito e fica absorvido pela busca ou pela posse dos bens materiais, sua alma está de certo modo estacionária, e lhe é preciso um grande número de encarnações antes que possa, obedecendo insensivelmente e como por força à lei inevitável do progresso, chegar a esse começo de vitalidade intelectual, que a torna a diretora do ser material, ao qual está unida. É por isto que, malgrado os ensinamentos dados pelo Cristo, para fazer a Humanidade avançar, ela está ainda tão atrasada, pois o egoísmo não quis apagar-se diante desta lei de caridade, que deve mudar a face do mundo e dele fazer uma morada de paz e de felicidade.

Mas a bondade de Deus é infinita, ultrapassando a indiferença e a ingratidão de seus filhos. Eis por que lhes envia esses mensageiros divinos, que vêm lembrar-lhes que Deus não os criou para a Terra, onde apenas estão por algum tempo, a fim de que, pelo trabalho, desenvolvam as qualidades postas em germe em sua alma, e que, cidadãos dos céus, não se devam comprazer numa estação inferior à sua ignorância, onde só as suas faltas os retêm.

4 **N. do T.:** Atos dos Apóstolos, 2:17. O versículo completo está assim concebido: “E nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos.” Referência mais que explícita sobre a explosão da mediunidade no século XIX.

Agradecei, pois, ao Senhor, e saudai com alegria o advento do Espiritismo, pois que ele é a realização das profecias, o sinal retumbante da bondade do Pai de misericórdia, e para vós um novo apelo a esse desprendimento da matéria, tão desejável, considerando-se que só Ele pode vos proporcionar a verdadeira felicidade.

Luis de França

Notas Bibliográficas

MIRETA

**Romance espírita pelo Sr. Élie Sauvage, membro da
Sociedade dos Homens de Letras⁵**

Para o Espiritismo, o ano de 1867 foi aberto pela publicação de uma obra que, de certo modo, inaugura a nova via aberta à literatura pela Doutrina Espírita. *Mireta* não é um desses livros em que a idéia espírita não passa de acessório, e como que lançada, *para o efeito*, ao acaso da imaginação, sem que a crença a venha animar e aquecer. É esta mesma idéia que lhe forma o dado principal, menos ainda pela ação que pelas conseqüências gerais dela decorrentes.

Em *Espírita*, de Théophile Gautier, o fantástico supera de muito o real e o possível, do ponto de vista da doutrina. É menos um romance espírita do que o romance do Espiritismo, e que este não pode aceitar como um quadro fiel das manifestações; além disso, o dado filosófico e moral aí é um tanto nulo. Essa obra não deixou de ser muito útil à vulgarização da idéia, pela autoridade do nome do autor, que lhe soube dar o cunho de seu incontestável talento, e por sua publicação no jornal oficial. Ademais, era a primeira obra de real importância desse gênero, na qual a idéia era levada a sério.

⁵ 1 vol. In-12. Livraria dos Autores, 10, rue de la Bourse. Preço: 3 fr. Pelo correio (França e Argélia): 3 fr. 30 c.

A do Sr. Sauvage é concebida num plano inteiramente diverso. É um quadro da vida real, onde nada se afasta do possível e da qual o Espiritismo tudo pode aceitar. É uma história simples, ingênua, de um interesse contínuo e tanto mais atraente quanto tudo aí é natural e verossímil; aí não se encontram situações romanescas, mas cenas enternecedoras, pensamentos elevados, caracteres traçados conforme a Natureza; também se vêem os mais nobres e puros sentimentos, em luta com o egoísmo e a mais sórdida maldade, a fé lutando contra a incredulidade. O estilo é claro, conciso, sem loquacidade nem acessórios inúteis, sem ornamentos supérfluos e sem pretensões ao efeito. O autor se propôs, antes de tudo, a fazer um livro moral e hauriu os seus elementos na filosofia espírita e suas conseqüências, muito mais que no fato das manifestações, mostrando a que elevação de pensamentos conduzem suas crenças. Sobre este ponto, resumimos nossa opinião dizendo que este livro pode ser lido com proveito pela juventude de ambos os sexos, que nele encontrará belos modelos, bons exemplos e úteis instruções, sem prejuízo do proveito e da concordância que dele se deve tirar em qualquer idade. Acrescentaremos que para ter escrito este livro no sentido em que o fez, é preciso estar profundamente penetrado dos princípios da doutrina.

O autor coloca sua ação em 1831; não pode, pois, falar *nominalmente* do Espiritismo, nem das obras espíritas atuais. Assim, teve que remontar seu ponto de partida aparente a Swedenborg; mas tudo é aí conforme aos dados do Espiritismo moderno, que estudou com esmero.

Eis, em duas palavras, o assunto da obra:

O conde de Rouville, forçado a deixar subitamente a França durante a Revolução, ao partir para o exílio tinha confiado uma importante soma e seus títulos de família a um homem sobre cuja lealdade julgava poder contar. Mas este homem, abusando de

sua confiança, apropria-se da soma, com o que enriquece. Quando o emigrado regressa, o depositário declara não o conhecer e nega o depósito. O Sr. de Rouville, privado de todos os recursos por esta infidelidade, morre de desespero, deixando uma filhinha de três anos, chamada Mireta. A criança é recolhida por um antigo servo da família, que a educa como sua filha. Esta tinha apenas dezesseis anos quando seu pai adotivo, muito pobre, veio a morrer. Luciano, jovem estudante de Direito, de alma grande e nobre, que tinha assistido o velho em seus últimos momentos, tornou-se o protetor de Mireta, deixada sem apoio e sem asilo; ele a faz admitir em casa de sua mãe, rica padeira, mas de coração duro e egoísta. Ora, descobre-se que Luciano é filho do espoliador; este último, sabendo mais tarde que Mireta é a filha daquele a quem causou a ruína e a morte, cai doente e morre, torturado de remorsos, nas convulsões de terrível agonia. Daí complicações, porque os jovens se amam e acabam se casando.

As principais personagens são: Luciano e Mireta, duas almas de escol; a mãe de Luciano, tipo perfeito do egoísmo, de cupidez e de estreiteza de idéias, em luta com o amor materno; o pai de Luciano, exata personificação da consciência perturbada; uma entregadora de pães, vil, má e ciumenta; um velho médico, excelente homem, mas incrédulo e zombador; um estudante de Medicina, seu aluno espiritualista, homem de coração e hábil magnetizador; uma sonâmbula muito lúcida, e uma irmã de caridade, de idéias generosas e elevadas, típico modelo.

Sobre esta obra ouvimos fazerem a seguinte crítica:

A ação começa sem preâmbulo, por um desses fatos de manifestações espontâneas, como se vêem tantos em nossos dias, e que consistem em batidas nas paredes. Esses ruídos levam ao encontro das duas principais personagens da história, Luciano e Mireta, a qual se desenrola a seguir. Dizem que o autor deveria ter dado uma explicação do fenômeno, para uso das pessoas estranhas

ao Espiritismo, cujo ponto de partida não compreendem. Não partilhamos desta opinião, porque seria preciso dizer outro tanto das cenas de visões extáticas e de sonambulismo. O autor não quis, e nem podia, a propósito de um romance, fazer um tratado didático de Espiritismo. Todos os dias escritores apóiam suas concepções sobre fatos científicos, históricos ou outros, que não podem senão supô-los conhecidos dos leitores, sob pena de transformar suas obras em enciclopédias; aos que não os conhecem cabe buscá-los ou pedir uma explicação. O Sr. Sauvage, situando seu enredo em 1831, não podia desenvolver teorias que só foram conhecidas vinte anos mais tarde. Aliás, os Espíritos batedores, em nossos dias, têm bastante repercussão, graças mesmo à imprensa hostil, para que poucas pessoas dele não tenham ouvido falar. Esses fatos são mais vulgares hoje do que muitos outros citados diariamente. Ao contrário, o autor nos parece ter realçado o Espiritismo, admitindo o fato como suficientemente conhecido para não precisar ser explicado.

Também não compartilhamos a opinião dos que lhe censuram o quadro um tanto familiar e vulgar, a pouca complicação da intriga do enredo, numa palavra, de não ter feito uma obra literária mais magistral, como certamente seria capaz de fazer. Em nossa opinião, a obra é o que devia ser para alcançar o objetivo proposto; não é um monumento que o autor quis erigir, mas uma simples e graciosa casinha, onde o coração pudesse repousar. Tal como está, dirige-se a todo o mundo: grandes e pequenos, ricos e proletários, mas, sobretudo, a certa classe de leitores aos quais teria convindo menos, se tivesse revestido uma forma mais acadêmica. Pensamos que sua leitura pode ser muito proveitosa à classe laboriosa e, a esse título, gostaríamos de ver a popularidade de certos escritos cuja leitura é menos salutar.

As duas passagens seguintes podem dar uma idéia do espírito no qual é concebida a obra. A primeira é uma cena entre Luciano e Mireta, no enterro do pai adotivo desta:

“Meu pobre pai, então não te verei mais! disse Mireta soluçando.

“Mireta, respondeu Luciano, com voz doce e grave, os que crêem em Deus e na imortalidade da alma humana não devem desolar-se como infelizes que não têm esperança. Para os verdadeiros cristãos a morte não existe. Olhai em torno de nós: estamos sentados entre túmulos, no lugar terrível e fúnebre que a ignorância e o medo chamam o campo dos mortos. Pois bem! o Sol do mês de maio aqui resplandece como no seio dos campos mais risonhos. As árvores, os arbustos e as flores inundam o ar com seus mais suaves perfumes; do pássaro ao inseto imperceptível, cada ser da Criação lança sua nota nesta grande sinfonia, que canta a Deus o hino sublime da vida universal. Não está aí, dizei, um notável protesto contra o nada, contra a morte? A morte é uma transformação para a matéria, para os seres bons e inteligentes, é uma *transfiguração*. Vosso pai cumpriu a tarefa que Deus lhe havia confiado; Deus o chamou a si. Que nosso amor egoísta não inveje a palma ao mártir, a coroa ao vencedor!... Mas não creiais que ele vos esqueça. O amor é o laço misterioso que liga todos os mundos. O pai de família, forçado a realizar uma grande viagem, não pensa em seus filhos queridos? Não vela de longe por sua felicidade? Sim, Mireta, que este pensamento vos console; jamais somos órfãos na Terra; primeiramente temos Deus, que nos permitiu chamá-lo nosso pai, e depois os amigos, que nos precederam na vida eterna. – Aquele que chorais está aqui, eu o vejo... ele vos sorri com uma ternura inefável... ele vos fala... escutai...

“De repente o rosto de Luciano adquiriu uma expressão extática; o olhar fixo, o dedo levantado no ar, mostrava alguma coisa no espaço; o ouvido atento parecia escutar palavras misteriosas.

“Filha, diz ele, com uma voz que não era mais a sua, por que fixar teu olhar velado de lágrimas neste canto de terra onde

depositaram meus despojos mortais? Eleva os olhos para o céu; é lá que o Espírito purificado pelo sofrimento, pelo amor e pela prece, alça vôo para o objeto de suas sublimes aspirações! Que importa à borboleta os restos de seu grosseiro envoltório, desde que ao Sol exhibe as asas radiosas? A poeira volta à poeira, a centelha sobe para o seu divino foco. Mas o Espírito deve passar por terríveis provas antes de receber sua coroa. A Terra na qual rasteja o formigueiro humano é um lugar de expiação e de preparação à vida bem-aventurada. Grandes lutas te esperam, pobre criança, mas tem confiança: Deus e os Espíritos bons não te abandonarão. Fé, esperança, amor, seja esta a tua divisa. Adeus.”

A obra termina pelo seguinte relato de uma excursão *extática* dos dois jovens, então casados:

“Depois de uma viagem, cuja duração não puderam apreciar, os dois navegantes aéreos abordaram uma terra desconhecida e maravilhosa, onde tudo era luz, harmonia e perfumes, onde a vegetação era tão bela que diferia tanto da nossa quanto a flora dos trópicos difere da da Groelândia e das terras austrais. Os seres que habitavam esse mundo perdido no meio dos mundos pareciam bastante com a idéia que aqui fazemos dos anjos. Seus corpos leves e transparentes nada tinham do nosso grosseiro envoltório terreno, seus rostos irradiavam inteligência e amor. Uns repousavam à sombra de árvores carregadas de frutos e de flores, outros passeavam como essas sombras bem-aventuradas que nos mostra Virgílio em sua encantadora descrição dos Campos Elíseos. As duas personagens que Luciano já tinha visto várias vezes em suas visões precedentes, avançaram com os braços estendidos para os dois viajantes. O sorriso com que os abraçaram os encheu de celeste alegria. Aquele que tinha sido o pai adotivo de Mireta lhe disse com uma doçura inefável: ‘Meus caros filhos, vossas preces e vossas boas obras encontraram graça diante de Deus. Ele tocou a alma do culpado e a manda de volta à vida terrena para *expiar suas faltas e se purificar por novas provas*, porquanto Deus não castiga eternamente e sua justiça é sempre temperada pela misericórdia.’”

Eis agora a opinião dos Espíritos sobre esta obra, dada na Sociedade de Paris na sessão em que foi feito o seu relato.

(Sociedade de Paris, 4 de janeiro de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

Cada dia a crença afasta das idéias adversas um espírito irresoluto; cada dia novos adeptos obscuros ou ilustres vêm abrigar-se sob sua bandeira; os fatos se multiplicam e a multidão reflete. Depois os temerosos tomam coragem com duas mãos e, então, gritam: Avante! com toda a força dos pulmões. Os homens sérios trabalham, e a Ciência, moral ou material, romances e novelas, se deixam penetrar pelos princípios novos em páginas eloqüentes. Quantos espíritas sem o saber entre os espiritualistas modernos! Quantas publicações às quais não falta senão uma palavra para serem apontadas à opinião pública como emanando de uma fonte espírita!

O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as suas formas; mas é ainda o talo verde que encerra a espiga de trigo e, para a mostrar, espera que o calor da primavera a tenha amadurecido e feito desabrochar. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se abre sob os auspícios de *Mireta* e não se escoará sem ver aparecerem novas publicações do mesmo gênero e mais sérias ainda, no sentido de que o romance tornar-se-á filosofia e a filosofia se fará história.

Não se fará mais do Espiritismo uma crença ignorada e aceita apenas por alguns cérebros supostamente doentes; será uma filosofia admitida ao banquete da inteligência, uma idéia nova tendo posição ao lado das idéias progressivas, que marcam a segunda metade do século dezenove. Assim, felicitamos vivamente aquele que soube, como primeiro, pôr de lado todo falso respeito humano, para arvorar francamente e claramente sua crença íntima.

Dr. Morel Lavallée

ECOS POÉTICOS DE ALÉM-TÚMULO

Coletânea de poesias mediúnicas pelo Sr. Vavasseur; precedida de um *Estudo sobre a poesia mediúnica*, pelo Sr. Allan Kardec. 1 vol. In-12, preço: 1 fr. Pelo correio, para a França e Argélia, 1 fr. 20 c. – Paris, livraria central, 24, boulevard des Italiens; no escritório da *Revista Espírita* e com o autor, 3, rue de la Mairie, em Paris-Montmartre.

Esta obra, da qual falamos em nosso último número, e cuja impressão foi retardada, encontra-se à venda.

NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA

(Pelo Dr. Brízio, de Turim)

Não conhecemos essa obra senão pelo prospecto em língua italiana, que nos foi enviado, mas só podemos nos alegrar por ver o interesse das nações estrangeiras em seguir o movimento espírita e felicitar os homens de talento que entram na via das aplicações do Espiritismo à Ciência. A obra do Dr. Brízio será publicada em 20 ou 30 fascículos a 20 c. cada um, e a impressão será iniciada desde que haja 300 subscritores. Subscrições em Turim, na livraria Degiorgis, via Nuova.

O LIVRO DOS MÉDIUNS

Tradução em espanhol, da 9ª edição francesa. Madri – Barcelona
Marselha – Paris, no escritório da *Revista Espírita*.

Allan Kardec